editorial

Embora Lacan tenha considerado como conceitos fundamentais da psicanálise apenas o inconsciente, a repetição, a transferência e a pulsão, podemos, com base nos avanços de seu ensino, incluir a noção de gozo, por crermos que ela foi elevada à dignidade de conceito. Em seu *Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise*, Lacan chega a afirmar que gostaria de que o campo lacaniano fosse nomeado de campo do gozo[1]. Um passo a mais e ele eleva a lógica que rege esse incalculável da "ex-sistência" a uma ciência do real. Ao ler a definição lacaniana presente no *Seminário – livro 7: A ética da psicanálise*[2] – "a Coisa é o que do real padece do significante" – à luz de seu texto *Kant com Sade*[3] – em que assegura o gozo no campo do Outro –, podemos tomar a insistência do gozo naquilo que se furta ao inconsciente estruturado como linguagem, de modo a verificar que, na constância da pulsão e na repetição, há uma manifestação não apenas do que é visado pela interpretação como significação, mas também de algo que se manifesta e insiste, mesmo que inaudito, para ser revelado por se tratar "do que se goza naquilo que se diz"[4].

Embora o significante vá rumo à mortificação, à elisão de vida, Lacan também afirma, no avesso de sua tese inicial, que o significante é causa de gozo. O que permite identificar o gozo no lugar do Outro não se situa no nível da fantasia, mas no colapso do significante e do gozo. Colette Soler, em seu ensaio *O que você não pode escolher*, apresenta-nos uma discussão sobre as escolhas determinadas pelo gozo. É o gozo que escolhe. O gozo é epifania do real no campo do sujeito. O sexo como real não tinha lugar privilegiado até 1973. Apenas com as fórmulas da sexuação, a escolha sexual, que não passa pelo anatômico nem pelos semblantes, dá-se, à medida que o corpo é afetado pelas modalidades de gozo. Assim, destacamos de seu texto a constatação de que "o gozo, desconectado do corpo anatômico, ou seja, imaginário, deve ser imputado a esse real da vida. Quando o gozo é todo fálico, esse real traz a marca das letras do inconsciente. Quando o gozo é não todo-fálico, Outro, esse real permanece parcialmente não marcado, mas habita o corpo, pois, para gozar, é preciso um corpo vivo" (p. 17).

No corpo sexuado, o gozo se manifesta como um incorpóreo. Lacan inicialmente utiliza o mito da lâmina[5] para representar a libido, esse órgão incorporal que habita o corpo, no qual ele destaca 'a parte perdida do vivente sexuado'. O corpo

[1] Lacan, *O Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-1970/1985, p. 77).

[2] Lacan. *Seminário – livro 7: A ética da psicanálise* (1959-1960/1985).

[3] Lacan. Kant com Sade (1963/1998).

[4] Lacan. O aturdido (1973/2005).

[5] Lacan. *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1979, p. 186).

sexuado é marcado por uma perda de vida, uma desvitalização. Assim, sob o efeito da linguagem, o corpo é afetado por uma perda, uma subtração de gozo. Paradoxalmente, recupera-se dessa perda fazendo entrar no corpo a "substância gozante". É o que é dado a ver, por exemplo, no padecimento do sujeito pelo sintoma histérico. No sintoma, há um sofrimento que satisfaz. Estruturado como linguagem, o sintoma é construído sobre o significante do traumatismo sexual. Paradoxalmente, mesmo que seja no mal-estar, goza-se do sintoma!

O inconsciente veicula um traço que se repete e não adquire sentido até que "a morte entre na jogada"[6]. Lacan nomeia essa marca inominável de gozo. Em *Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos,* afirma: "o inconsciente trabalha sem pensar, nem calcular nem tampouco julgar, e, ainda assim, o fruto está aí: um saber que se trata apenas de decifrar, já que ele consiste num ciframento"[7]. Também nos lembra que, no ciframento, está o gozo, sexual decerto, aquele desenvolvido por Freud como obstáculo à relação sexual. "Assim, é pelo gozo que a verdade vem resistir ao saber"[8]. O gozo, portanto, necessita da repetição. Para esclarecer o final de análise pela "identificação com o sintoma", Sidi Askofaré parte da opção de Lacan de ir além do inconsciente freudiano e, travando um debate entre Freud e Lacan, discute as noções de identificação e sintoma.

A descoberta da psicanálise é o inconsciente. A subversão do sujeito é efeito do inconsciente estruturado como linguagem. Em sua estrutura linguageira, o inconsciente permite situar o desejo, esclarecer os mistérios do sexo, e ser condição do sintoma e, de modo geral, das formações do inconsciente. Sua estrutura linguageira causa os fenômenos de descontinuidade no nível das pulsões. Lacan chega a afirmar que o gozo é um pequeno desvio do princípio de prazer. O artigo de Eléonore Pardo se dedica à especificidade da articulação entre o social e o sujeito no que diz respeito à implicação da pulsão escópica na estruturação subjetiva. Ela considera que a psicanálise de amanhã não poderá encontrar sentido sem que sejam postos em perspectiva os aportes teóricos sobre o *objeto olhar como objeto causa do desejo.*

Essa discussão nos leva à distinção entre objeto *a* e gozo. Contrariamente às teorias que se referem às identificações, ou àquelas que se apóiam na naturalidade da função de reprodução, a psicanálise recorre ao real do gozo para falar do sexo. A orientação fálica dessa relação com o gozo foi mantida tanto por Freud quanto por Lacan, e as entrelinhas dessa distinção entre o objeto *a*, que se manifesta na fantasia como recuperação de gozo, e o gozo, que é perda, podem ser apreendidas no texto de Pascale Macary-Garipuy e Michel Lapeyre, *Duas ou três coisas sobre*

[6] Lacan, *O Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-1970/1985, p. 169)

[7] Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos (1975/2005, p. 553)

[8] Da psicanálise em suas relações com a realidade (1968/2005, p. 357).

o gênero, a sexuação e o gozo. Apoiados em duas teorias, uma da filósofa americana Judith Butler e outra de Françoise Héritier, os autores fazem avançar de maneira crítica o essencial a ser extraído do legado de Lacan no que concerne à questão mais da sexuação do que de "gênero".

A tragédia é a criação literária que melhor exemplifica a encenação, a colocação em ato do que, com Lacan, nomeamos gozo. A tragédia antiga expõe a céu aberto o que o inconsciente reluta em dizer. Para escapar ao esquecimento e ao recalque, ou ainda à estrutura do pensamento inconsciente, o teatro grego expõe, por meio de seus heróis trágicos, a imagem da "paixão do ser", dando a ver os paradoxos do desejo que afetam o sujeito.

No limiar de uma decisão, o herói trágico é forçado a se responsabilizar por seu ato, momento em que ele é ultrapassado por algo imprevisível e, até então, desconhecido. Sua decisão de agir, ou melhor, sua escolha por um determinado ato, é um desafio ao futuro, ao destino e a si mesmo. Não sendo senhor pleno e agente de seus atos e de suas decisões, o herói corre o risco de cair na armadilha de suas próprias escolhas, à espera de que os deuses estejam a seu favor. Onde estará a responsabilidade por seus atos? Em que podemos aproximar o ato trágico daquilo que a psicanálise trabalha em relação à ética?

No trágico, o que é causa de desejo margeia o profano e o sublime. Trata-se de uma "fatalidade" estrangeira que, dividindo o herói (análogo ao sujeito desejante na experiência de análise), é determinante do "destino" de sua realidade psíquica, de sua fantasia. Determinante e determinada pela linguagem, a verdade do desejo, irmã do gozo e das marcas simbólicas que comemoram a captura do herói nas malhas do seu destino, está na origem do que a psicanálise trabalha ao acolher as formações do inconsciente com sua oferta: "Fale!".

Os heróis, sem terror nem piedade, são movidos por algo distinto do que foi chamado de angústia neurótica. Enquanto esta antecipa signos para advertir o "herói do cotidiano" da proximidade de um perigo inevitável, o herói trágico, isento de angústia, é um joguete dos deuses, "um instrumento do gozo divino" por estar irremediavelmente imerso no inevitável destino que os deuses lhe determinaram. Lembremos que Lacan nos ensina serem os deuses do real. Assim, também o real irrompe como enigma do campo do Outro.

De maneira análoga aos heróis da tragédia antiga, o nosso herói da tragédia do cotidiano, o *falasser*, padece inevitavelmente do efeito de gozo de seus sintomas. Estes chegam inclusive a presidir seus laços sociais, como, por exemplo, a "sociedade

dos poetas mortos", os alcoólicos anônimos, os vigilantes do peso etc. e, embora aparentemente passem pelo simbólico, pelos significantes dos ideais, são, na verdade, relativos ao núcleo de gozo e, portanto, expressão de modalidades de gozo.

Algumas dessas questões são tratadas nos artigos de Fábio Santos Bispo, *Dos modos de gozo: a mística, a escrita e a ética da psicanálise*, e Moisés de Andrade Junior, *A* Moira *em psicanálise: gozo, repetição e desejo do analista em ato*, e nos levam a refletir sobre os descaminhos do gozo e sobre o "saber fazer algo de sua incompletude", questão ética e sempre atual para a prática psicanalítica.

Ângela Mucida recorre a uma tese freudiana sobre a elevação libidinal como norte de sua análise da menopausa. Entre outras tantas discussões, relaciona, ao percorrer as obras de Freud e Lacan, libido, destino pulsional e gozo. Maria Carolina Bellico Fonseca, por sua vez, trata o fenômeno psicossomático como "um gozo específico, fora da ordem fálica, que se mostra por meio de lesões orgânicas e rasuras da carne fora de subjetivação; à diferença da repetição significante, ele se manifesta em impulsos sucessivos, pura freqüência de número que não faz série, em uma escrita do real que sinaliza algo da ordem de uma pulsação sem sentido no corpo".

Na seção *Direção do tratamento*, três trabalhos, de Luis Izcovich, Eliane Z. Schermann e François Morel, levantam algumas questões relativas à noção de suplência na psicose, ao destino do objeto *a* em uma experiência de análise e às noções de passagem ao ato e suicídio, este nomeado por Lacan de "ato bem-sucedido".

Christian Dunker, em nome da equipe de publicação da *Revista Stylus*, entrevista Marc Strauss sobre tema proposto por Clarice Gatto, nossa assessora de edição, que nos lembrou que em 2006 completam-se 25 anos da morte de Lacan. A data nos serviu de mote para discutir como está a psicanálise nos dias de hoje e, aproveitando o ensejo, uma das invenções de Lacan que contribuíram para o avanço da doutrina da psicanálise sobre os finais de análise e a formação do analista: o passe.

Por fim, na seção *Resenhas*, divulgamos a interessante contribuição de Nina Virginia de Araújo Leite sobre o livro *A casa das belas adormecidas*, na qual constata como "o belo pode ser visto como a última barreira diante do gozo absoluto" e como o olhar "olha" o objeto. Nessa mesma seção, Ida Freitas apresenta a compilação de diversos artigos que ela própria realizou. Essa publicação da Associação Científica do Campo Psicanalítico, editada em Salvador neste ano, debate a angústia. Completando a seção a resenha de Clarice Gatto sobre a publicação, na revista de

psicanálise *Indecible*, n. 3, das conferências de Sol Aparicio recentemente proferidas na Asociación Foro del Campo Lacaniano de Medellín, Colômbia. Nessas conferências, afirma Clarice, a conferencista remete os leitores "à complexidade que compõe o cotidiano da *práxis* da psicanálise: seja na colheita de elementos na transferência para a confecção da hipótese diagnóstica do começo do tratamento, seja no *laço social* imprescindível que ela promove ao 'alcançar o horizonte da subjetividade de sua época', como encorajava Lacan". Aos psicanalistas cabe "não recuar, nem ceder de seu desejo".

ELIANE Z. SCHERMANN

referências bibliográficas

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 7: A ética da psicanálise* (1959-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. (1963). Kant com Sade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. O S*eminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

LACAN, Jacques. (1968). Da psicanálise em suas relações com a realidade. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. (1973). O aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, Jacques. (1975). Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.